

Epistemologia e Crítica na Obra de Georges Politzer: dos fundamentos da psicologia clássica à psicologia concreta

Alvinan Magno Lopes Catão*

Introdução

Georges Politzer nasceu em 3 de maio de 1903 em Nagyvárad na Hungria. Foi um filósofo e teórico marxista francês de origem húngara. Tornou-se um militante comunista, participando da Resistência Francesa, movimento contra a dominação nazista que surgiu durante a Segunda Guerra Mundial. Em virtude de suas atividades na militância, foi preso no ano de 1942, sendo torturado e executado pela Gestapo, a polícia secreta nazista (GABBI JR., 1998).

Entre suas produções está a obra *Crítica aos Fundamentos da Psicologia: a Psicologia e a Psicanálise*, publicada em 1928, na qual o autor esboça uma crítica aos fundamentos da psicologia clássica no intuito de desenvolver as bases do que denominou de psicologia concreta. Esta, também caracterizada por Politzer (1998) como "psicologia sem alma", deveria apontar os equívocos fundamentais da psicologia clássica, de maneira a proporcionar as condições para a construção de uma ciência psicológica positiva.

A *Crítica aos Fundamentos da Psicologia* corresponde ao Tomo I de um projeto inacabado, denominado pelo autor de *Matériaux pour la Critique sur les Fondements de la Psychologie* (Material para uma Crítica dos Fundamentos da Psicologia). Tal projeto estava estruturado em três tomos: o primeiro, o único escrito, tratou de apresentar e criticar os fundamentos da psicanálise, relacionando-a com a psicologia clássica, o segundo trataria da crítica aos fundamentos da teoria da gestalt e o terceiro aos fundamentos do behaviorismo. O *Matériaux* ainda iria compor uma obra maior que também não foi escrita: *Essai Critique sur les Fondements de la Psychologie*. O motivo da interrupção encontra-se relacionado ao ingresso de Politzer no Partido Comunista Francês (GABBI JR., 1998).

Com o intuito de apreender as bases teóricas da psicologia concreta de Politzer (1998), suas possibilidades e limites, este trabalho objetiva desenvolver um estudo sobre os fundamentos da psicologia sob a ótica deste autor, uma vez que é a partir da sua crítica

* Psicólogo clínico. Doutorando em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Especialista em Didática e Metodologia pela Faculdade Anhanguera. Especialista em Filosofia Clínica pela Faculdade Católica de Anápolis. Atua como psicólogo clínico de base psicanalítica no Consciência – Consultório de Atendimento Psicoterápico.

que se edifica o seu projeto epistemológico. Esse estudo será realizado a partir da leitura da Crítica dos Fundamentos da Psicologia, de comentadores da mesma e de outras obras relacionadas ao tema. Buscar-se-á descrever e analisar os postulados da psicologia clássica, relacionando-os com as principais tendências/abordagens psicológicas: a teoria da gestalt, o behaviorismo e principalmente a psicanálise, abordagem escolhida por Politzer (1998) para apresentar a sua crítica. Serão analisadas ainda algumas características, noções e conceitos presentes na obra, no intuito de apresentar alguns limites do empreendimento de Politzer, desenvolvendo, assim, algumas críticas pontuais.

Os Fundamentos da Psicologia Clássica e a Psicologia Concreta

Politzer (1998) entende como psicologia clássica a produção acadêmico-psicológica da segunda metade do século XIX que se fundamenta ora numa psicologia subjetiva, cuja metodologia é introspectiva, ora numa psicologia objetiva, cuja metodologia é experimental. Esses formatos de psicologia são entendidos pelo autor como abstratos, pois tratam o homem e os fatos psicológicos em terceira pessoa, distanciando, assim, do mundo concreto. Ou seja, distanciando-se do tratamento dos fatos psicológicos em primeira pessoa, que representam os atos vivenciados pelo indivíduo particular. Pastre (2006) destaca que Politzer, tendo isso em mente, buscou criticar as psicologias abstratas e todas as abordagens psicológicas que assumissem os pressupostos da psicologia clássica, tratando o homem em terceira pessoa e se alicerçando em torno do mito da dupla natureza humana: orgânica e psicológica.

Ao iniciar suas análises, Politzer (1998) se revela um grande conhecedor de ciência, alçando relações entre a psicologia e as ciências naturais. Ele esboça uma crítica voraz à ciência psicológica clássica e aos psicólogos, comparando-os às ciências físicas e aos físicos. O autor entende que o psicólogo “é o primo pobre na grande família dos servos da ciência. Só se alimenta de esperanças e de ilusões: deixa aos outros a matéria para contentar-se com a forma [...]” (POLITZER, 1998, p. 54). A afirmação de Politzer (1998) expressa a dificuldade do psicólogo de se localizar frente à ciência e de determinar um objeto epistêmico. É na tentativa de situar a psicologia entre as ciências positivas, enquanto psicologia concreta, que caminha a sua crítica.

Para compreender a essência da crítica de Politzer (1998), é necessário compreender primeiro a relação da psicologia clássica com as "psicologias" contemporâneas a Politzer, assim como os seus principais fundamentos.

Gabbi Jr. (1998), ao escrever a apresentação do livro de Politzer (1998), destaca que a crítica de Politzer se inicia pela apreciação de três tipos de psicologia aparentemente diferentes - ou como Politzer chamou: tendências - a teoria da gestalt, o behaviorismo de Watson e a psicanálise de Freud. É a partir de uma comparação entre essas tendências/abordagens com a psicologia clássica que Politzer (1998) pôde perceber e identificar as diferenças e, sobretudo, as semelhanças. Ele procurou extrair a inspiração concreta dessas tendências/abordagens e o que elas, de fato, herdaram e/ou reproduziram da psicologia clássica. Gabbi Jr. (1998) identifica cinco postulados da psicologia clássica, compreendidos por Politzer em sua crítica aos fundamentos da psicologia clássica. São eles:

1. Crença de que a forma última do psicológico é atomística;
2. Tese de que o psicológico é apreendido de forma imediata pela percepção;
3. Presunção de que existe uma vida interior;
4. Crença de que o psíquico resulte de processos e não de atos de pessoas concretas;
5. Postulado da convencionalidade do significado.

O postulado 1 se refere ao que Abbagnano (2012, p. 104) descreve por "concepção atomística da realidade psíquica ou social ou da linguagem", uma das três doutrinas que configuram os significados filosóficos de "atomismo". Segundo o mesmo autor, essa concepção consiste em propor uma hipótese análoga à do atomismo filosófico ou da teoria atômica, afirmando que a consciência, a linguagem ou a sociedade são constituídas de elementos simples irreduzíveis, cujas diferentes combinações explicam todas as suas modalidades. Tal combinação leva ao entendimento clássico de que o todo é constituído pela soma das partes. Essa concepção ou crença é entendida por Politzer (1998) como um dos equívocos da psicologia clássica que, em vez de se fundamentar em investigações empíricas, se apropria de noções abstratas preconceituosas. O autor valoriza a psicologia/teoria da gestalt por perceber esse equívoco.

Grande é o valor da Gestalttheorie, sobretudo do ponto de vista crítico: ela implica a negação do procedimento fundamental da psicologia clássica que consiste em desfazer a forma das ações humanas para tentar, depois, reconstruir a totalidade, que é sentido e forma, a partir de elementos insignificantes e amorfos (POLITZER, 1998, p. 46).

Gabbi Jr. (1998) esclarece que o atomismo da psicologia clássica é substituído na teoria da gestalt pela crença de que o psíquico só pode ser entendido como totalidade

e não enquanto elementos distintos que são posteriormente associados. No entanto, adverte que o postulado 2, tese de que o psicológico é apreendido de forma imediata pela percepção, sobrevive na teoria da gestalt. Nesse sentido, Politzer (1998) afirma que a mesma "entrega-se as construções teóricas e não parece [...] poder libertar-se das preocupações da psicologia clássica" (p. 47).

O postulado 2 também sobrevive no behaviorismo de Watson, tal como constata Gabbi Jr (1998). Porém tal tendência/abordagem é enaltecida positivamente por Politzer por denunciar o caráter mitológico de outra tese bastante cara à psicologia: a presunção de que existe uma vida interior, quebrando, assim, com o postulado 3. Politzer (1998, p. 47) afirma que o behaviorismo reconhece o fracasso da psicologia clássica trazendo a ideia de *behavior* e com esta uma definição concreta de fato psicológico. Ele considera o behaviorismo como a única – até então – “tentativa sincera de psicologia objetiva” (POLITZER, 1998, p. 184). No entanto, destaca que essa tentativa é insuficiente por apenas salvar a objetividade, perdendo, assim, a psicologia. Nesse sentido, ele considera que esta tendência “é estéril ou recai na fisiologia, na biologia, até mesmo na introspecção mais ou menos disfarçada, em vez de esquecer realmente tudo para esperar apenas pelas surpresas da experiência” (POLITZER, 1998, p. 47).

Apesar das contribuições dessas tendências/abordagens, é a psicanálise que Politzer (1998) qualifica como a mais importante. É partir dela, tendo como referência a obra “A Interpretação dos Sonhos” (Traumdeutung) de Freud, que o autor realiza a sua crítica aos fundamentos da psicologia clássica. A escolha dessa obra consiste na consideração de Politzer (1998) de que nela melhor aparece o sentido da psicanálise: "onde são mostrados com um cuidado e uma clareza extraordinários seus procedimentos constitutivos" (p. 51). De acordo com o autor, nesta obra é possível perceber as principais diferenças das concepções psicanalíticas das concepções da psicologia clássica.

Por meio da análise das descobertas de Freud nessa obra, Politzer (1998) procura evidenciar os erros fundamentais da psicologia clássica, seus postulados, a partir da "inspiração concreta" da psicanálise. Assim, convém destacar, tal como afirma Gabbi Jr. (1998), que a última rompe, principalmente, com o postulado 4 da psicologia clássica, "crença de que o psíquico resulte de processos e não de atos de pessoas concretas". Tal crença consiste em tratar os fatos psicológicos como conteúdos que se processam no

interior da mente, generalizando o psíquico e fazendo do sujeito pesquisado um psicólogo¹.

Dentro dessa concepção genérica do psíquico que exclui o sujeito de seus atos (atitudes) concretos (as), tratando-o em terceira pessoa, não há espaço para o entendimento e aprofundamento do sonho. Este não é visualizado pelos psicólogos clássicos como um fato psicológico, mas como uma reação fisiológica que distorce a realidade do mesmo. Sendo considerado um mero conteúdo fisiológico, o sonho se inclui na lógica da impessoalidade. Tal lógica consiste em tratar esse último como um conjunto de estados, tendo causas mecânicas e sendo uma entidade que existe em si mesma, não os considerando como atos de pessoas concretas. O conteúdo intervém para ser classificado em geral. Nessa perspectiva, a preocupação recai, por exemplo, sob a imagem dos sonhos e os estados afetivos de um ponto de vista de classe. A individualidade onírica e o sentido que o sonho tem para o indivíduo são desconsiderados, separando o sujeito sonhador de seu sonho. Este último, nessa lógica, é significado como produzido por causas impessoais e não pelo sujeito que sonha (POLITZER, 1998; PASTRE, 2006).

Segundo Roudinesco e Plon (1998), Freud foi o primeiro a conceber um método de interpretação para o sonho baseado não em referências estranhas ao sonhador, tal como supunha a psicologia clássica, mas nas livres associações que o sonhador pode fazer a partir do seu relato. A concepção do método do relato é oriunda do rompimento, principalmente com o postulado 4 da psicologia clássica. Tal postulado fundamenta o método dessa última, conhecido como introspecção.

Pastre (2006) afirma que nesse método o psicólogo abandona o plano intencional, ou seja, o plano dos atos, e coloca-se no ponto de vista realista e formal, substituindo o primeiro relato, significativo, por um segundo relato, que nada mais tem a ver com a teleologia das relações humanas. Assim, tal método seria, então, um segundo relato.

Ao substituir o método introspectivo da psicologia clássica, o relato em terceira pessoa, pelo método do relato em primeira pessoa, Freud efetua uma transformação do ponto de vista subjetivo para o objetivo, da intuição para o comportamento. Essa

¹ No que compete a essa temática, Politzer (1988, p. 86) afirma que: "O psicólogo introspectivo (clássico) [...] espera do seu sujeito um estudo já psicológico, ele é sempre obrigado a supor um psicólogo no seu sujeito. E conclui: "está aí uma diferença enorme com o que acontece nas outras ciências: o matemático não pede a uma função que ela seja 'matemática', mas que seja simplesmente função, e o físico não procura na bobina de Ruhmkorff outro físico, mas apenas a uma bobina de indução (POLITZER, 1998, p. 86).

transformação metodológica é operada graças à noção de ato psicológico que encontra o seu fundamento na experiência de indivíduos concretos (POLITZER, 1998).

Para Politzer (1998), a grande contribuição de Freud teria sido a consideração do sonho enquanto fato psicológico, justamente pelo tratamento do mesmo como atos pessoais de indivíduos concretos. Freud retira o sonho da lógica da impessoalidade (terceira pessoa) e o coloca na lógica da pessoalidade (primeira pessoa), na medida em que o significa como a realização ou concretização de um desejo. Assim, ele quebra com o postulado 4, pois o sonho deixa de ser um mero processo, um conteúdo, para ser concebido como um ato, a realização de um desejo, sendo significado como um segmento ou continuidade da vida particular do indivíduo. Nesse sentido:

[...] o desejo não liga o sonho ao indivíduo do ponto de vista do conteúdo, mas porque assegura ao sonho essa continuidade do "eu", sem a qual o fato psicológico é apenas uma criação mitológica. Se o sonho é a realização de um desejo, não é senão uma modulação do "eu" que o tem e que, conseqüentemente, está presente. O desejo assegura ao sonho a continuidade dessa presença do eu. Resumindo, pela teoria do sonho-desejo, o sonho passa a ser um ato (POLITZER, 1998, p. 77).

A teoria do sonho-desejo, exposta por Freud (1996a; 1996b) em sua obra, coloca o sonhador como protagonista, "ator" e "autor" de seu próprio sonho, ou seja, de seu ato. O sonhador não é mais entendido com espectador de seu próprio sonho como acreditava a psicologia clássica com seus postulados que se centravam no entendimento do mesmo numa lógica impessoal. Freud (1996a; 1996b) deu outra significação para o sonho, justamente, por considerá-lo em primeira pessoa como segmento da vida dramática do sonhador, ou seja, por entendê-lo enquanto ato.

É justamente sob a noção de ato que Politzer (1998) significa como a noção fundamental da psicologia concreta. O autor afirma que “o ato é a única noção inseparável do *eu* em sua totalidade, único entre todas as noções, só se concebe como a *intervenção atual do eu*” (POLITZER, 1998, p. 77-78). Para o autor, a psicologia concreta só pode reconhecer como fato psicológico real o ato. Aqui cabe um apontamento: embora Politzer (1998) signifique a noção de ato, assim como a de drama, numa acepção metafórica referente ao teatro², cabe aqui refletir sobre as implicações psicológicas dessa noção.

É importante destacar que a noção e o conceito de ato estão no cerne da psicologia filosófica de Franz Brentano (1838-1919). Segundo Maciel (2003), Brentano

²Tal como afirma Gabbi Jr. (1998, p. 12), Politzer utiliza o teatro como metáfora fundamental de sua crítica. Porém ressalta que não se trata de transformar a psicologia numa estética, mas de traduzi-la em termos empíricos.

foi o mais importante opositor teórico de Wilhelm Wundt, o fundador da psicologia como disciplina formal, a que Politzer (1998) considera como “clássica”.

Apesar dos dois compartilharem a ideia de fazer da psicologia uma ciência, possuíam outras divergentes quanto ao seu objeto de estudo. Wundt, seguindo a tradição fisiológica e indutiva de Fechner, acreditava que a psicologia deveria estudar os conteúdos da experiência consciente. Brentano, se opondo a essa ideia, partindo de princípios dialéticos e empíricos, acreditava que a psicologia deveria estudar o ato mental. Para Brentano o importante era, por exemplo, o ato de ver, pensar e sentir e não o conteúdo do que é visto, pensado ou sentido. Sua psicologia do ato afirma que estes não possuem conteúdos em si mesmos, concentrando-se nas atividades mentais (CATÃO, 2014, p. 38).

É importante destacar também que Brentano possui uma obra volumosa influente. A mais conhecida é “Psicologia Segundo o Ponto de Vista Empírico”, publicada em 1874. Brentano foi professor da Universidade de Viena. Trabalhando lá por mais de vinte anos, teve alunos dos quais se pode citar: Sigmund Freud, fundador da psicanálise, Cristian Von Ehrenfels, contribuinte teórico da psicologia gestalt e Edmund Husserl, fundador da fenomenologia. Esse último foi o que mais se apropriou da sua teoria (MACIEL, 2003; CATÃO, 2014).

Embora Politzer (1998), em seu ensaio crítico, não faça nenhuma alusão ou referência a Brentano ou a Husserl, "um certo estilo fenomenológico parece impregnar o ensaio" (PRADO-JUNIOR, 1991, p. 16). No que compete diretamente à fenomenologia de Brentano, esse estilo pode ser evidenciado pela apreciação de Politzer (1988) do ato enquanto fato psicológico. Tal apreciação sugere uma semelhança teórica e nocional entre os dois autores. Catão (2014) escreveu que para Brentano o ato está ligado a um objeto exterior que está fora da consciência e só pode ser compreendido pela mesma como objeto intencional, assim eles não possuem conteúdos em si mesmos. Ao representar o ato (mental), ligado a um objeto exterior que está fora da consciência do sujeito que o intenciona, o que Brentano diz em outras palavras é que o mesmo é inseparável do eu (sujeito) em sua totalidade, representando a intervenção atual do eu. Nesse sentido, a partir dessa comparação nocional entre Politzer e Brentano, constata-se uma possível semelhança de noções teóricas, o que ilustra mais um argumento do estilo fenomenológico presente na obra de Politzer.

Em oposição a Wundt e a psicologia clássica, precedendo as primeiras tendências psicológicas, Brentano já questionava, a sua maneira, o Postulado 4, anunciando assim a psicologia concreta ao introduzir a noção e o conceito aristotélico de

ato no intuito de determinar o objeto epistêmico da psicologia. Assim, pode-se sugerir que a inspiração concreta da psicologia, a qual Politzer se refere, tem na psicologia de Brentano uma raiz originária. A psicologia do ato brentaniana representa uma crítica da psicologia clássica, porém este é um assunto para ser explorado em outro artigo. A referência a Brentano foi utilizada para ilustrar o Postulado 4 e sua crítica, destacando o possível pioneirismo deste autor nessa última, assim como as semelhanças de suas ideias com Politzer no que compete à noção de ato.

Convém agora refletir e analisar o último postulado da psicologia clássica: o postulado da convencionalidade do significado. Politzer (1998,) afirma que é a partir da intervenção desse postulado que Freud conclui que a psicologia clássica só quer considerar o conteúdo manifesto. Tal postulado consiste em conceber em terceira pessoa, numa lógica convencional, os acontecimentos vivenciados pelo indivíduo. Politzer (1998), no que se refere à convencionalidade do significado da psicologia clássica, destaca:

Tudo acontece para ela [psicologia clássica] como se todas as consciências individuais tivessem o mesmo conteúdo de significações, como se cada consciência individual fosse apenas uma intuição de significações sempre as mesmas para todo mundo; significações que a intuição só captaria, sem nada alterar. É evidente que nessas condições só há conteúdo manifesto, isto é, significações convencionais [...] (POLITZER, 1998, p. 94).

Tal postulado trata o valor coletivo da linguagem e dos atos como fatos espirituais. No caso do sonho, por exemplo, os termos que o sujeito faz do mesmo tem uma significação ordinária (convencional), ou seja, uma significação pública, mas também tem uma significação individual, uma significação para o sujeito (PASTRE, 2006). Politzer (1998) afirma que a psicologia clássica, em uma “atitude realista ingênua” (p. 95-96), desdobra a significação convencional, projetando-a no interior do indivíduo e, não indo além da mesma, elimina o problema do sentido que se situa nos atos desse indivíduo. Essa lógica opera como se o indivíduo não passasse de uma realização das exigências sociais (antropomorfismo social).

Politzer (1988) destaca que com o emprego do postulado da convencionalidade do significado, a psicologia clássica prolonga a atitude do realismo ingênuo, atitude que as demais ciências de sua época não mais conservavam. Essa atitude, empregada pelos valores da sociedade (senso-comum), representa um empecilho para o desenvolvimento das ciências. Nesse sentido, Politzer (1988), com base nos valores (representações coletivas), explica o porquê da teoria da sexualidade de Freud ter encontrado tantas

dificuldades de ser admitida: "é precisamente porque médicos e psicólogos só quiseram ver na criança o que ela deve ser, de acordo com certas representações coletivas bem conhecidas" (POLITZER, 1998, p. 96).

O postulado da convencionalidade do significado, segundo Politzer (1998, p. 97), não tem a mínima relação com a experiência. É oriundo do uso de dialéticas convencionais que, segundo o autor, a psicologia clássica compreende como as únicas existentes. Assim também são concebidos os demais postulados, como construções teóricas de tais dialéticas. A crença neles não é formulada pela experiência.

E é justamente a crença nesses postulados que corresponde ao motor do método introspectivo da psicologia clássica. Na compreensão de Politzer, tal método tem como característica central a transformação dos acontecimentos vividos (atuados) pelo homem em processos que acontecem no interior da mente (conteúdos mentais) - realismo - processos substantivados - abstracionismo - que são tratados como classes de fenômenos psíquicos, perdendo toda significação individual (POLITZER, 1998; PASTRE, 2006).

Embora a psicanálise efetue uma verdadeira transformação dos postulados da psicologia clássica com o método do relato, Politzer (1998) afirma que Freud, abandonando a sua inspiração para o concreto, recai na psicologia clássica, na medida em que utiliza especulações teóricas a partir de um procedimento associacionista. Essas especulações são realizadas, tomando como referência o conceito e a noção metapsicológica de inconsciente. Assim, Freud retorna ao pressuposto 3, a "presunção de que existe uma vida interior", retomando, segundo Politzer (1998), a abstração e o realismo que lhes são próprios. Pois, de acordo com o autor, o inconsciente em Freud é concebido como uma entidade interior que possui vida própria. Para Politzer (1998):

[...] a hipótese do inconsciente não significa para a psicologia essa grande conquista que habitualmente se vê que, por outro lado, a novidade e a originalidade da psicanálise não podem residir na descoberta e na exploração do inconsciente, pois, em certo sentido, o inconsciente só representa na psicanálise a medida da abstração que sobrevive no interior da psicologia abstrata (POLITZER, 1988, p. 131).

Tomando o inconsciente como uma espécie de retorno à psicologia abstrata, Politzer (1988) entende que existe uma dualidade na psicanálise: a dualidade do concreto e do abstrato. Do concreto, pois o seu aporte metodológico, inspirado em um problema real, evidencia criticamente os principais equívocos da psicologia clássica, revelando, assim, o fato psicológico. Do abstrato, pois quando Freud recorre a uma explicação

metapsicologia dos fatos, ele rompe com a inspiração que o levou ao método, incorrendo na atitude da psicologia clássica.

Esse contraste entre abstrato e concreto pode ser explicado pela maneira como Freud concebe as relações entre psicologia e psicanálise. Politzer (1998) afirma que para Freud, “psicologia e psicanálise estão em planos diferentes: a atitude psicanalítica não é a busca da própria psicologia dos fatos e, por outro lado, a busca da explicação psicológica implica o abandono da atitude propriamente psicanalítica” (p. 165).

Politzer (1998) procura demonstrar tal afirmação considerando o movimento que Freud faz da psicanálise à psicologia e, depois, da psicologia à psicanálise. Para ele, o movimento que Freud faz da psicanálise à psicologia se dá quando este procura explicar suas descobertas. A busca da explicação psicológica implica o abandono da atitude propriamente psicanalítica. Assim, para Freud, explicar o fato psicológico significa encaixá-lo em leis conhecidas da psicologia. Nesse sentido, Freud pelo simples fato de procurar a explicação é levado de volta à psicologia clássica (PASTRE, 2006).

Assim vale frisar que, para Politzer (1998), a grande contribuição de Freud está nas suas descobertas realizadas graças ao método do relato: este que trata os atos individuais como fatos psicológicos. Tais descobertas decorrem de sua atitude empírica: problematização e pesquisa.

No entendimento do autor, a psicanálise, ao lado das demais tendências psicológicas, anuncia a psicologia concreta. O método do relato é a evidência dessa anunciação. No entanto, ela retorna a abstração e ao formalismo, na medida em que procura explicar o relato a partir da concepção do inconsciente, traçando o caminho inverso ao de sua atitude, inspirada para o concreto.

Algumas Análises e Discussões sobre a Obra de Politzer

Até agora o trabalho proporcionou um estudo sobre a crítica de Politzer (1998) aos fundamentos da psicologia clássica, tratada em sua obra *Crítica aos Fundamentos da Psicologia – a Psicologia e a Psicanálise*. Seguindo a ótica desse autor, foi possível alçar relações dos postulados da psicologia clássica com as tendências/abordagens psicológicas apreciadas pelo mesmo: a teoria da gestalt, o behaviorismo e a psicanálise. Assim, pôde-se visualizar a considerada inspiração para o concreto politzteriana de ambas as tendências/abordagem, assim como o que estas conservaram ou reproduziram da psicologia clássica. Como foi demonstrada, a tendência mais apreciada pelo autor foi a psicanálise. Sob esta decorre a sua obra. A partir da relação dos postulados com essa

tendência, foi possível compreender a crítica de Freud à psicologia e a edificação do método do relato. Nesse tópico, procurar-se-á analisar e discutir algumas possibilidades e limites do empreendimento de Politzer (1998).

É importante destacar que o projeto de Politzer (1998) para a construção de uma psicologia concreta, consiste em inserir a psicologia no rol das ciências positivas, ou seja, das ciências naturais. “A psicologia concreta é a primeira psicologia positiva” (p.183). É percebida em algumas passagens de Politzer (1998), uma crítica ácida e feroz ao misticismo e ao convencionalismo social que pode ser fruto de uma concepção positivista de ciência. Esta, oriunda de uma supervalorização da ciência natural/positiva, parece estar inclusa no discurso de Politzer (1998). Nesse sentido, a análise de Politzer parece visualizar somente o aspecto epistemológico do um ponto de vista das ciências naturais, em uma lógica internalista. Dessa maneira, não visualiza os aspectos históricos, políticos e sociais que estão vinculados à produção do conhecimento científico.

É fato que Politzer (1998) contribuiu de maneira significativa para a crítica da ciência psicológica do ponto de vista da metodologia, em uma época na qual a psicologia enfrentava uma crise de paradigmas. Desenvolveu as bases de uma teoria que procurou se fundamentar nos fatos concretos. No entanto, tal crítica não enfrenta o cientificismo próprio daquele período, sendo este um de seus limites. Ao contrário, parece existir nesta a crença no papel progressivo e neutro da ciência. Vale lembrar que Politzer (1998) trata o psicólogo como “o primo pobre na grande família dos servos da ciência”, ou seja, aquele que nada tem a contribuir para o conhecimento científico positivo. Quando Politzer (1998) tenta inserir a psicologia no rol das ciências positivas, sem perceber o papel ideológico desse empreendimento, o mesmo contribui indiretamente para a noção da neutralidade positivista que, em última análise, favorece o discurso da classe dominante e da sociedade capitalista, dividida em classes. Para além da compreensão da lógica interna da produção do conhecimento psicológico, é preciso situar suas determinações externas que são históricas, políticas e sociais. Somente assim torna-se possível identificar o interesse de classe e a quem serve, realmente, as ciências na sociedade capitalista.

É importante destacar que Politzer (1998), em sua análise, desenvolve uma leitura da formação social do conhecimento a partir da concepção da convencionalidade do significado. No entanto, essa parte da crítica do senso-comum que, ao que parece, vem de cima para baixo em uma perspectiva hierárquica. Há uma leitura discriminatória e desvalorizadora do senso-comum, colocando a ciência em um lugar privilegiado. Nesse

sentido, não é questionado ou explicado, por exemplo, o “por que” da existência da convencionalidade do significado, tampouco a sua relação com a ideologia, a falsa consciência sistematizada, proposta por Marx e Engels (1998).

A formação convencional do significado psicológico é explicada pelo uso de dialéticas convencionais que a psicologia clássica compreende como as únicas existentes, que são qualificadas como não possuindo nenhuma relação com a experiência. Ora, até mesmo o conhecimento convencional do senso-comum tem relação com a experiência: o problema está em sua equivalência com o mundo concreto, ou seja, sua deformação em virtude da ideologia. Nesse sentido, falta um olhar sobre a função da ideologia na produção do conhecimento científico e na manutenção dos interesses da classe dominante. Esse olhar é provavelmente turvado pela crença de Politzer (1998) na hierarquia das ciências modernas, as ciências naturais ou positivas. Existe nesse autor uma preocupação enfatizada na metodologia científica, pensada aos moldes positivistas.

A valorização da inspiração para o concreto de Freud, presente nas formulações de Politzer (1998), é um elemento que precisa ser analisado com cuidado. Politzer (1998) descreve esta inspiração em Freud que o leva a construção do método do relato. E qual seria essa inspiração para o concreto que o autor fala? Para responder essa questão é necessário entender qual a concepção de ciência que está impregnada nas formulações freudianas.

Assoun (1983), a partir da análise da operação epistemológica de Freud, destaca que o mesmo concebe a psicanálise unicamente a partir do modelo de ciências naturais. Segundo este autor, o estatuto epistêmico de ciência do psiquismo em Freud é, desde o início, reducionista. Para o autor é esse reducionismo que funda o chamado monismo epistemológico da psicanálise freudiana, que concebe o modelo das ciências naturais como única possibilidade, não expressando relação dual de semelhanças ou oposições com a ciência do espírito. Assim, de acordo com Assoun (1983), para Freud a psicanálise não constitui um intermediário na encruzilhada entre essas modalidades de ciência, mas ela se encontra inteiramente, por essência, tendendo do lado da natureza. Essa concepção naturalista se deve, também, ao contato de Freud com os anátomo-fisiologistas, ou seja, importantes médicos e/ou biólogos de sua época que estudavam anatomia e fisiologia.

A partir do monismo epistemológico e do reducionismo dele oriundo, é possível compreender a inspiração para o concreto a qual Politzer (1998) atribui à atitude psicanalítica, que se opõe à atitude da psicologia clássica. Politzer se identifica com o monismo epistemológico freudiano, e vê nessa perspectiva um distanciamento da

psicologia clássica, no momento em que esse desenvolve o método do relato. Por também se nortear por uma concepção cientificista, o autor não consegue ir além do monismo naturalista freudiano. Aí reside o seu ponto cego. Sem a discussão que considere as ciências do espírito, a ideologia e o interesse de classe que atravessa o conhecimento científico, não se atinge a totalidade, o que tende a levar a naturalização do comportamento humano e ao isolamento deste dos determinantes históricos, políticos e sociais.

Outro aspecto importante, constatado na leitura da Crítica, que parece percorrer a escrita de Politzer é o estilo fenomenológico. Embora o autor não faça nenhuma referência a autores fenomenólogos, foi identificado uma possível semelhança de ideias ou de visões de mundo entre o mesmo e Brentano, um dos percussores da fenomenologia. Essa semelhança paira sobre a noção de ato, tratado por Politzer (1998) como fato psicológico. Brentano foi professor de Freud, opositor teórico de Wundt. Sua psicologia do ato afirma que a psicologia deveria estudar o ato e não os conteúdos ou processos. Ao que parece, Brentano é também um precursor indireto da psicologia concreta de Politzer.

A noção de ato, partir da compreensão de Politzer, se mostrou um importante objeto estudo para a psicologia em geral. É compreendida pelo autor como a noção central da psicologia concreta. O ato, nessa compreensão, diferente do "behavior" que salva objetividade, mas perde a psicologia, não exclui o sujeito concreto individual de sua materialidade objetiva, pois o seu entendimento pressupõe primeira pessoa. O ato liga o indivíduo ao mundo concreto. Trata-se de uma relação que acontece no aqui e no agora entre o indivíduo, o seu contexto e os outros.

Para concluir: pode-se dizer que a psicologia concreta, idealizada por Politzer (1998) e orientada por sua concepção materialista e positivista de ciência, representa uma antítese radical dos postulados clássicos. Assim, seguindo a sua lógica, convém representá-la nos seguintes postulados:

- 1: O psíquico só pode ser entendido como totalidade e não enquanto elementos distintos que são posteriormente associados.
- 2: O psicológico não é apreendido de forma imediata, é apreendido por mediações.
- 3: A psicologia concreta é uma psicologia sem vida interior, sem alma (consciente ou inconsciente)
- 4: Os atos de indivíduos concretos são objetos da psicologia concreta.

5: A psicologia tornando-se positiva, liberta-se da convencionalidade do significado.

Em geral, pode-se dizer que o projeto de uma psicologia concreta de Politzer (1998), representa uma importante iniciativa para a crítica da psicologia como ciência. Aponta importantes elementos ontológicos e epistemológicos, implícitos na produção do conhecimento psicológico. Trata-se de uma formulação epistemológica internalista, que parte de uma concepção materialista e positivista de ciência, e busca romper com as mitologias da psicologia clássica. No entanto, tal como foi discutido anteriormente, as formulações de Politzer (1998) não situam as contradições sociais que estão postas nas ciências modernas e nem critica o seu papel na sociedade capitalista, dividida em classe. Nesse sentido, ele salva o lugar institucional das ciências naturais, supervalorizando o modelo de ciência natural/positiva. Existe em Politzer certo entusiasmo progressista no que tange às ciências modernas que, como foi discutido, turva o seu olhar frente à ideologia.

Esse trabalho não pretende encerrar a discussão sobre essa importante obra da história e epistemologia da psicologia. Devido à sua complexidade temática, esses estudos podem ser considerados introdutórios. Muitas outras questões e análises devem ser levantadas a partir do conteúdo dessa obra como, por exemplo, a crítica de Politzer (1998) ao inconsciente freudiano, que não foi devidamente analisada nesse trabalho.

Que possamos elaborar essas análises e questões com a mesma força e coragem de Politzer (1998). Que possamos pensar a noção de ato, para além do seu entusiasmo cientificista e integrá-lo a uma perspectiva histórico-social crítica, que se posicione em prol do oprimido, da classe dominada. Que o ato seja uma ferramenta para decifrar as relações entre indivíduos e sociedade, opressores e oprimido, criando condições para a luta pela transformação social.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ASSOUN, P. L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

CATÃO, A. M. L. *Psicanálise, Fenomenologia e Existencialismo: um possível diálogo na construção de uma nova abordagem*. Goiânia: Kelps, 2014.

GABBI JR., O. Considerações sobre a eterna juventude da psicologia: o caso da psicanálise. In: *Crítica aos Fundamentos da Psicologia – a psicologia e a psicanálise*, Trad. Marcos Marcionilo e Yvone M. T. da Silva. Piracicaba-SP: UNIMEP, 1998.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1º parte). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. IV, p. 14-365. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos (2º parte). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. V, p. 371-647. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

MACIEL, J. Franz Clemens Brentano e a Psicologia. In: BRUMS, M. A T. & HOLANDA, A. F. (orgs). *Psicologia e Fenomenologia: reflexões e perspectivas*. p. 27-39. Capinas, SP: Alinea, 2003.

MARX K.; ENGELS F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PASTRE, J. L. Crítica aos fundamentos da psicologia em Politzer: psicanálise e psicologia concreta. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.8, n. esp., p.103-120, dez., 2006.

POLITZER, G. *Crítica aos Fundamentos da Psicologia – a psicologia e a psicanálise*. Trad. Marcos Marcionilo e Yvone M. T. da Silva. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1998.

PRADO-JR, B. Georges Politzer: 60 anos da Crítica dos Fundamentos da Psicologia. In: PRADO Jr, B. (org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ROUDINESCO, E.; PLON M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.